

**ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO FUNDAMENTAL E DIVERSIDADE:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS CONCEITOS DE CULTURA**

**PUBLIC SCHOOL IN ELEMENTARY EDUCATION AND DIVERSITY:
CONSIDERATIONS FROM THE CONCEPTS OF CULTURE**

Helen Fabrícia Armando da Silva¹
Cimara Leite de Sousa²
Fernanda Menegotto Razzera³
Walace Rodrigues⁴

RESUMO

Este artigo foi idealizado a partir das discussões nas aulas na disciplina de “Cultura, Sociedade e Educação”, no programa de Pós-Graduação de Programa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, campus de Araguaína. Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa discussão e de parte dos textos lidos na referida disciplina. Buscamos, com este artigo, desenvolver alguns conceitos em relação à cultura e diversidade, levando em consideração a escola pública municipal de Araguaína/TO. Vemos que tudo que é díspar acaba sendo motivo de preconceito e intolerância, logo, precisamos de ensinamentos na escola que levem a uma aceitação das diferenças, auxiliando a tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Escola Pública; Diversidade; Cultura; Warao.

ABSTRACT

This article was idealized from discussions in classes in the discipline of “Culture, Society and Education”, in the Postgraduate Program in Popular Demands and Regional Dynamics - PPGDire, at the Federal University of Norte do Tocantins - UFNT, campus of Araguaína. This work has an exploratory character and uses bibliography consistent with our discussion and part of the texts read in that discipline. We seek, with this article, to develop some concepts in relation to culture and diversity, taking

¹ Pós-graduada em Direito Penal e Processo Penal, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. E-mail: helen.fabricia@outlook.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. E-mail: cimaraleite10@gmail.com

³ Licenciada no curso de Letras e Pedagogia, e Pós-Graduada em ênfase em Coordenação e Orientação Escolar, e Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: razzerafernanda@gmail.com

⁴ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília (UnB/POSLIT/Pós-graduação em Literatura, 2018-2019). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: walacewalace@hotmail.com

into account the municipal public school of Araguaína/TO. We see that everything that is disparate ends up being a reason for prejudice and intolerance, so we need teaching at school that leads to an acceptance of differences, helping to make society more just and egalitarian.

Keywords: Public school; Diversity; Culture; Warao.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce a partir das discussões teóricas na disciplina “Cultura, sociedade e educação”, ofertada pelo Programa Pós-graduação em Demanda Populares e Dinâmicas Regionais – PPGDire, da Universidade do Norte do Tocantins – UFNT, campus de Araguaína.

O objetivo deste trabalho é pensar sobre a diversidade humana encontrada nas escolas de Ensino Fundamental brasileira, a partir de algumas concepções sobre cultura. Ele nasce decorrente de nossas observações e experiências com as crianças indígenas Warao dentro da sala de aula da escola do município de Araguaína.

Verificamos as dificuldades de integração dos “diferentes” dentro do ambiente escolar brasileiro. Por mais que falemos das diferenças humanas, não podemos compreender contundentemente como cada pessoa se comporta diante das relações sociais com o “outro” (diferente de mim) dentro da sala de aula.

Nossa pesquisa para este artigo foi de natureza bibliográfica e coloca-se como qualitativa, na qual se propõe a compreender as diversidades humanas nas escolas, a partir de uma perspectiva cultural. Alguns autores utilizados foram: Tylon (1871); Laraia (2003); Lopes (2005); Geertz (2008); Rodrigues (2018); Chauí (1995); ACNUR (2021); França e Ferraz (2022); Vygotsky (1979).

Vale ressaltarmos a importância desta temática, tendo em vista que vamos analisar a questão das diversidades apresentadas nas escolas públicas municipais de Araguaína, a partir de nossas experiências com os indígenas venezuelanos Warao, e se este grupo vulnerabilizado tem apoio da escola local.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cultura e Diversidades

A palavra cultura, no aspecto semântico, tem origem no latim, que significa cuidar, cultivar, habitar, proteger e crescer (Williams, 2007, p. 117). Por esta razão o termo está associado a palavras como agricultura e crescimento. A palavra era utilizada para se referir “a uma ação e a processos”, no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com os animais ou com o crescimento da colheita (Canedo, 2009). Deste modo, até o século XVI, o termo cultura era utilizado como um conceito primitivo relacionado à lavoura e desenvolvimento.

Ao longo dos séculos, o conceito de cultura foi evoluindo e tendo múltiplos significados. Na época do Renascimento, durante o fim da Idade Média, os Humanistas, isto é, o homem começa a enaltecer a dignidade humana e não a hereditariedade como propulsora da nobreza. Durante este período, começou-se a confiar no poder ilimitado do homem, que era visto como a essência de todas as coisas, logo passou-se do teocentrismo para o otimismo antropocêntrico (Pires, 2006). Assim, consideravam a cultura um padrão ideal de desenvolvimento intelectual, moral e artístico.

Neste contexto, segundo os alemães *Kultur* ou *Bildung* “cultura é mais do que o estudo dos costumes, é um longo processo de desenvolvimento caracterizado pela sua amplitude” (Pires, 2006, p. 35). Portanto, para os teóricos alemães, eles consideram que a cultura enriquece e desenvolve a maximização do potencial humano.

Posteriormente, no Século XIX, Edward Tylor (1871) foi o primeiro estudioso a definir o termo cultura da forma como a Antropologia o entende hoje. A concepção universalista da cultura foi sintetizada por Edward Burnett Tylor (1832-1917), na sua “acepção etnográfica mais ampla, era um todo complexo que incluía conhecimento, crenças, arte, justiça, ética, e outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Pires, 2006). Desta maneira, para ele, a cultura é multifacetada e construída pela sociedade.

Tylor (1871) estava vivendo em uma época que a Europa sentia o impacto da origem das espécies, da Teoria Charles Darwin, “em que a antropologia foi dominada pela perspectiva do evolucionismo unilinear” (Laraia, 2003, p. 33), ou seja, estudiosos desta época tentou analisar o desenvolvimento das instituições sociais, por meio de investigações no passado, para compreender fenômenos da sociedade contemporânea.

Aprofundando a análise do conceito de cultura, Claude Lévi-Strauss [...], “considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, [...] a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas” (Laraia, 2003, p. 56). Isto é, para Claude Lévi-Strauss, cultura está relacionada com o surgimento de padrões e proibições da convivência humana.

Neste caminho, a cultura aqui pode ser entendida como um conjunto de costumes e tradições de um povo que são transmitidas de geração em geração. Desse modo, podemos citar alguns elementos culturais que podem ser expressos de distintas formas. Conforme Clifford Geertz (2008, p. 36), há uma grande riqueza nas diferenças que devem ser respeitadas nos processos de ensino-aprendizagem. Desta forma, existe o desafio da escola em reconhecer esta riqueza de culturas, que compõe o acervo sociocultural brasileiro, assim investindo na superação das discriminações.

Por fim, ainda, a expressão “centralidade da cultura”, tal como empregada por Hall (1997), refere-se exatamente à forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, tornando-se elemento-chave no modo como o cotidiano é configurado e modificado (Moreira, Candau, 2003, p. 159). Desta forma, compreendendo o pensamento de Hall (1997), todas as ações sociais têm dimensões e expressões da cultura, como por exemplo, as práticas políticas e econômicas da sociedade.

2.2 Sobre diversidade na escola

Sobre a diversidade, percebemos que cada pessoa é diferente da outra, revelando uma riqueza singular em cada ser humano. Para Gusmão (2000, p.12) “o diferente e a diferença fazem parte do descobrimento de um sentimento que, munido dos símbolos da cultura nos diz que nem tudo é como eu e que nem todos são como eu”. Para ele, temos que aprender a conviver com as diferenças de uma forma respeitosa e igualitária.

O Brasil é um país misto culturalmente e com grandes diversidades. Por isso, é necessário se trabalhar na inclusão destes grupos vulneráveis. A educação brasileira pode ser considerada desigual, pois, desde nossas origens, a oferta escolar

sempre foi voltada para os brancos, temos como exemplo, a Lei n. 1, de 1837⁵ que foi sancionada e proibia pessoas escravas nas escolas públicas (BARROS, 2016). Desta forma, existem barreiras históricas e sociais que dificultam a mudança do ensino brasileiro nas escolas públicas.

Partindo para uma análise das diversidades na escola pública municipal do Ensino Fundamental e levando em consideração o aspecto cultural dos distintos grupos humanos, tais como indígenas, deficientes, negros, LGBTQIA+ etc, logo há uma necessidade humana em combater qualquer tipo de discriminação, tendo a escola papel essencial neste ofício, sobretudo, na Educação Infantil, quando as crianças começar a ter os primeiros ensinamentos de fenômenos sociais, tais como as diversas culturas humanas.

Segundo Rodrigues (2017b, p. 14), é “papel da escola ajudar as crianças a terem representações simbólicas corretas sobre a sociedade em que vivem e sobre as várias vertentes étnicas encontradas nesta sociedade”. Deste modo, é imprescindível que os alunos tenham conhecimento da sociedade heterogênea brasileira em que vivem, no qual todos devem ser tratados igualmente, com fulcro no artigo 5^o da Constituição (Brasil, 1988).

Posto isto, analisamos o papel da escola pública municipal, nos ensinamentos acerca destas diferenças, segundo Rodrigues (2017a), as mais “variadas formas de diferença devem ser valorizadas na escola como temas que enriqueçam os conteúdos e que respeitem as visões de mundo existentes em uma sociedade”. Portanto, esta temática deve ser ensinada nas escolas públicas municipais, como prioridade na sala de aula do Ensino Fundamental.

A professora Vera Neusa Lopes (2005, p.189) fala exatamente sobre esse ponto:

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características

⁵ Lei n. 1, de 1837 - Artigo 3º São proibidos de frequentar as Escolas Públicas:

1º Todas as pessoas que padecerem moléstias contagiosas.

2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

⁶ Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. Aprendendo a se ver, a ver o seu entorno (família, amigos, comunidade imediata) de modo objetivo e crítico, a comparar todos elementos com os de outros tempos e lugares, a criança desenvolve comportamentos adequados para viver numa sociedade democrática.

Logo, para construir uma sociedade solidária e igualitária, deve-se buscar informar acerca da diversidade das etnias (asiáticos, brancos, negros, indígenas, entre outros) e valorizar as culturas destes povos. Assim, “a escola deve começar a se ver como espaço genuíno de promoção e da valorização da diferença”. Ela deve ser um espaço de conhecimento do “outro”, do “diferente” (cf. Rodrigues, 2017b). Desta forma, as crianças aprendem a respeitar as distinções, e logo não exercitam o preconceito no meio social em que vivem.

Corroborando com a análise das diferenças na escola, segundo Rodrigues (2017a, p. 93), “as mais variadas formas de diferença devem ser valorizadas na escola como temas que enriqueçam os conteúdos e que respeitem as visões de mundo existentes em uma sociedade”. Desta maneira, esta temática deve ser ensinada nas escolas públicas, como prioridade na sala de aula do ensino fundamental.

Assim, a variedade cultural exprime um conjunto de diferentes culturas. Deste modo, sempre existirá na sociedade e nas escolas essa riqueza de diferenças. É necessário, ao longo do tempo, trabalhar essas diferenças existentes entre discentes e famílias, incluindo no ambiente escolar a riqueza das diferenças culturais de cada pessoa. As instituições de ensino precisam mostrar que a abundância de crenças, costumes, estilos de vida, seres humanos, e etc., existe e que cada pessoa deve respeitá-las.

A diversidade de experiências, habilidades, contextos e capacidades entre estudantes é uma realidade que deve ser utilizada por meio de práticas educacionais inclusivas. Quando falamos em educação inclusiva, estamos buscando respeitar e valorizar as diversidades de seres humanos.

A escola é um ambiente que vai muito além de troca de conhecimentos. É nesse local que as crianças e adolescentes aprendem como conviver em sociedade. Porém, uma vez matriculadas, os estudantes se deparam com uma grande variedade de costumes e modos de vidas diferentes dos seus, o que pode causar estranhamentos.

No entanto, é nas trocas que os homens aprendem a se respeitar e, para Vygotsky (1979), o conhecimento surge da troca, da interação e da dinâmica social com os outros. Assim, a construção do conhecimento ocorre na sala de aula e fora dela e em resposta a diversas situações, buscando complementar e contextualizar conhecimentos específicos para formar uma pessoa integradora.

Cada pessoa tem uma história particular e única, moldada pela sua estrutura biológica, social e cultural. O aprendizado não depende apenas da parte biológica, mas também dos estímulos recebidos desde a infância. Consequentemente, continuar a encontrar opções de trabalho e respeitar as diferenças pode levar a transformar as desigualdades em sucesso acadêmico e escolar. Conforme Moreira (2002, p. 106) diz:

Os professores precisam encontrar meios de criar espaço para mútuo engajamento das experiências de multiplicidade de vozes, por um único discurso dominante. Mas professores e alunos precisam encontrar maneiras de que um único discurso se transforme em local de certeza e aprovação.

Portanto, é primordial que os profissionais da rede pública municipal, encontrem meios e técnicas de ensino que possam incluir estes alunos que são considerados como os “diferentes”, de forma que todos entendam que estas diferenças só aumenta o crescimento cultural e social de cada um.

Diante das teorizações acerca da temática da cultura e diversidade na escola pública municipal, do ensino fundamental, observamos que as escolas municipais de Araguaína apresentam questões que envolvem temas relacionados à cultura e o respeito à diversidade. Alguns de nossos estudantes da etnia Warao, imigrantes forçados por razões econômicas, provenientes da Venezuela, nos chamam a atenção para o quão pouco preparada está a Educação Fundamental brasileira para lidar com os “diferentes”.

Quando tratamos dos “diferentes” nos referimos às pessoas que “estão fora” dos padrões sociais de uma determinada sociedade ou que nela não se encaixam com facilidade e os Warao são um exemplo disto dentro da sociedade e das escolas araguainenses.

Os indígenas Warao são um grupo indígena proveniente, majoritariamente, da região de Delta Amacuro, originário da República Bolivariana da Venezuela. Segundo o Censo do ano de 2011 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, este povo representa a segunda etnia mais populosa do país, constituindo

aproximadamente 49 mil integrantes, bem como, a comunidade mais antiga da Venezuela.

De acordo com França e Ferraz (2022, p. 3), a crise econômica, política e humanitária assolaram a Venezuela, elevando o crescimento da inflação “[...] de modo sistemático desde 2014, chegando em 2018 a 13.060% com uma contração da economia de 47,6% de 2013 a 2018..” As altas nos preços diminuíram o poder de compra dos venezuelanos, trazendo escassez de alimentos e um alto índice de desemprego no país. Em face do exposto, a partir de 2014, ocorreram as migrações de países vizinhos, sendo um deles o Brasil.

Conforme a Agência da ONU para Refugiados (2021, p. 23) no Brasil, até o ano de 2020, havia aproximadamente “[...] um total de 264.157 pessoas refugiadas e imigrantes de nacionalidade venezuelana.” Deste valor total, 65% são da etnia indígena Warao. Eles vêm para o Brasil na busca por proteção e melhores condições de vida.

O idioma utilizado por essa sociedade indígena é a língua Warao, pertencente a uma família linguística isolada, e o espanhol é utilizado em níveis variados de fluência entre estes indígenas. De acordo com Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR (2021), os Warao passaram por um outro processo de deslocamento interno em seu país antes de se deslocarem para o Brasil. Primeiro eles foram deslocados de sua comunidade indígena para o grande centro da Venezuela.

Na busca por proteção e qualidade de vida, os indígenas Warao vêm, inicialmente, para várias cidades brasileiras como Manaus, Boa Vista, Santarém e Belém. Em 2019, há indícios de sua chegada na cidade de Araguaína, no Tocantins, evidenciando a ausência de políticas públicas de diferentes esferas direcionadas para este público (Ferraz; França, 2022).

A ACNUR (2021) ressalta a falta de experiência dos municípios em relação ao atendimento escolar desse público. Em Araguaína, as crianças venezuelanas da etnia Warao em idade escolar são atendidas pela rede municipal de ensino. Segundo os registros, estas crianças apresentam grande dificuldade para acompanhar as turmas em que estão inseridas. Posto isto, a grande maioria das crianças falam sua língua materna, pouco espanhol e quase nada o português dificultando a aprendizagem delas.

O fato de não falarem a língua portuguesa dificulta a interação com os colegas dentro da sala de aula. Além de dificultar a interação com o professor durante a execução das atividades propostas. Não há hoje no município um preparo adequado para os profissionais da educação atuarem frente às inúmeras diversidades encontradas na comunidade escolar. Em virtude do exposto, os alunos indígenas Warao são considerados “diferentes” nas escolas municipais de Araguaína.

A partir destas experiências com os Warao podemos compreender como as escolas públicas brasileiras lidam com grupos que não são os “típicos” estudantes esperados, ou seja, os “diferentes”, indígenas, negros, LGBTQIA+, deficientes físicos, deficientes mentais, entre outros grupos. Assim, notamos que as escolas públicas municipais ainda não estão preparadas para lidar com algumas diferenças culturais de forma satisfatória.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi escrito com o objetivo de compreendermos as várias formas de cultura e suas diferenças, presentes na escola pública municipal de Araguaína. Na elaboração do trabalho foram abordados alguns temas teóricos como os conceitos de cultura e sobre a diversidade, e ainda experiências cotidianas na sala de aula com alunos indígenas Warao, que vieram da Venezuela, em busca de melhores condições de vida.

Diante da temática estudada das diversidades humanas nas escolas públicas municipais, do ensino fundamental, analisamos que as escolas precisam mostrar as diferenças existentes entre os alunos, de forma que eles entendam que devemos respeitar cada ser humano, e ainda extrair a riqueza que eles trazem consigo. Assim, vale ressaltar a importância da escola, enquanto sujeito na formação de identidade cultural da sociedade.

Além disso, a escola deve ensinar as crianças a conviverem com estas diferenças de grupos sociais étnicos, de representações culturais distintas, uma vez que a instituição escolar deve ser formadora de crianças que reconheçam a diversidade cultural, e que se tornem pessoas sem discriminação na sociedade. Logo, a escola tem que estar preparada com profissionais habilitados para acolher este grupo vulnerabilizado na sociedade.

Do ponto de vista das escolas públicas de Araguaína, notamos que os padrões educacionais aos quais os indígenas estão inseridos não correspondem ao modelo de educação existente no Brasil, pois muitas escolas não têm experiência com alunos vindos de outros países, como exemplo, dos Warao. E, também ainda não existe em Araguaína/TO, cursos ou capacitações para os professores se habilitarem profissionalmente na transmissão do ensino para os indígenas Warao.

Ademais, com a dificuldade de inclusão é uma questão recorrente nas escolas e estabelecimentos de ensino público, é indispensável que o professor, a comunidade escolar e, principalmente, os órgãos públicos responsáveis pela educação infantil, busque meios efetivos para realização da inclusão deste grupo vulnerável.

Por fim, verificamos que o Brasil é um país de heterogeneidade cultural, sendo que se torna problemático o espaço escolar não garantir o respeito às diferenças e a diversidade cultural. Por isso, a educação contemporânea deve ser repensada no sentido de desenvolver meios que expurguem qualquer tipo de discriminação, e, sobretudo, ensinar as crianças a ter um olhar mais igualitário e solidário, para os “diferentes”.

REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS - ACNUR 2021. **Os Warao no Brasil**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf> Acesso em: 10 ago. 2023.

ALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, 1997.

ASPHE, R. Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro - 1837. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 199–205, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BARROS, Surya Pombo. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2023

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: 1988 Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

CANDAU, Vera, MOREIRA, Antonio. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, [online], n.23, pp. 156-168, 2003.

CANEDO, Daniela. “CULTURA É O QUÊ?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. 2009.

COMO A DIVERSIDADE SE TRADUZ EM DESIGUALDADE NA ESCOLA BRASILEIRA. **Centro de referências em educação integral**. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-diversidade-se-traduz-em-desigualdade-na-escola-brasileira/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DADOS SOBRE REFÚGIO NO BRASIL. **Agência da ONU para refugiados** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em 08 ago 2023.

FERRAZ, Sueli Marques; FRANÇA, Ludimila Teixeira. **Aspectos psicossociais dos indígenas Warao em Araguaína: Os Conflitos Culturais**. Facit-TO, ed. 34, v. p. 1 . 312-323, 2022

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n.2, p.9- 28, jul/dez, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**. Dados da população dos municípios de Tocantins (2023). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/TO/panorama>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

LOPES, V. N. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MOREIRA, A. f.; SILVA, T. T., **Currículo, cultura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. **Teorias da Cultura**. 2. ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006. – 232 p.; 23 cm.

RODRIGUES, Wallace. A instituição escolar e a valorização cultural das minorias. **Revista Tecer** - Belo Horizonte, v. 10, n. 19, nov. 2017a.

RODRIGUES, Wallace. Silva, Marques Haleks. Através da tolerância e do respeito à diversidade: uma educação para reeducar o homem atual. **Entreletras**, Araguaína, v. 9, n. 2, jul./set. 2018.

RODRIGUES, Wallace. **O Museu do Índio do Rio de Janeiro e a educação infantil: conhecendo O OUTRO**. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu em Educação Infantil do Centro Universitário Barão de Mauá, 2017b, 58p.

VYGOTSKY Lev S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. *In: Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007. (p. 117-124). Disponível em:
<https://aulasdathaisunitau.files.wordpress.com/2018/03/cultura.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.